

Juanuz da Cruz Wanderley

Graduanda de Psicologia da Faculdade Cathedral, Boa Vista-RR.

Rômulo Terminus da Silva

Mestre, Doutor e Pós-Doutorado (Universidade Católica Dom Bosco)

Doutor em Psicologia da Saúde –

UNIVERSITÉ DES SCIENCES DE L'HOMME DE PARIS (ULSHP)

Ph.D. Em Ciências da Educação –

University Logos Internacional -@UNILOGOS,

Cadastro na CAPES 1489 no Portal Carolina Bori,

CNPQ REGISTRO K2E200000001

RESUMO

Este estudo visa elucidar e coletar dados sobre a: “Intervenção com Arteterapia: Psicoterapia com Crianças na Abordagem Gestalt-Terapia.” Pretendendo fazer uma abordagem sobre a arteterapia uma metodologia que se fundamenta no uso de várias formas de expressão artística com fins terapêuticos. A problemática pesquisada pautou-se em: Como a Intervenção com Arteterapia pode contribuir para Psicoterapia com Crianças na Abordagem Gestalt-Terapia? É no intuito de conhecer melhor a aplicabilidade da arteterapia na psicoterapia infantil dentro da Gestalt-terapia, que este estudo foi desenvolvido. O presente trabalho tem como objetivo geral verificar a eficácia da arteterapia no processo psicoterápico infantil a partir da abordagem Gestalt-terapia. A pesquisa busca mostrar que a arte tem o poder de reconfigurar conteúdos e dar subsídios para que o cliente possa extravasar essas energias que precisam ser renovadas, facilitar o contato com conteúdos reprimidos, bem como possibilitar o revisitar de experiências anteriores para uma possível resignificação. Por ser assim, este estudo pautou-se, portanto, por uma metodologia de pesquisa sob a linha bibliográfica, em caráter exploratório, de abordagem qualitativa, de campo e descritiva, hipotético-dedutiva e não experimental. Entendo que esta linha de pesquisa e abordagem seja a mais viável ao estudo por ora. Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo. Havendo ainda notoriamente várias vertentes e possibilidades a serem analisadas em estudos futuros, e, por conseguinte, mais aprofundados.

Palavras-chave: Arterapia. Psicoterapia Infantil. Gestalt-terapia.

INTRODUÇÃO

A problemática da Pesquisada pautou-se em: Como a Intervenção com Arteterapia pode contribuir para Psicoterapia com Crianças na Abordagem Gestalt-Terapia? Segundo Rhyne (2000), a experiência gestáltica de arte é na verdade o talento enigmático do indivíduo em forma de arte, abraçando-se com os traços que o mesmo é capaz de conceber como fenômenos, contemplando os seus feitos naturalmente, aguarda analisando através de seus projetos gráficos a forma que ele é agora e também maneiras diferentes, que ele possa ser a pessoa que gostaria de ser, arte possibilita que se faça uma intervenção de maneira lúdica e criativa na clínica infantil. Proporcionando que a criança deixe fluir a sua imaginação dentro de um espaço descontraído e com muitos materiais artísticos ao alcance, para facilitar o contato.

A arte desde os primórdios permeia a vida do ser humano. Segundo Ciornai (2004), ela já vem desde a época das cavernas, sendo que os nossos ancestrais já demonstravam criatividade através dos seus desenhos rupestres expostos nas paredes das cavernas para representar, suas formas de organização. Pintavam não só as paredes das cavernas, mas também a própria pele, em rituais de cura, e se expressavam, não só através da pintura, mas usavam também a arte da dança e de cantos na evocação da natureza, do divino. Assim, segundo ela, o uso da arte de forma terapêutica vem de muito tempo.

Dentro da abordagem Gestáltica, o psicólogo atua na perspectiva existencial-fenomenológica. Trabalha com foco nas relações sujeito/objeto no campo existencial, no contato que o sujeito faz o tempo todo no meio. A arteterapia dentro da Clínica infantil se mostra como uma ferramenta de grande arrimo, para o psicoterapeuta, que com ela encontra maior facilidade para a condução da terapia, a arte aparece também nesse contexto como fio condutor de muitas possibilidades de transformação do sujeito e do ambiente como um todo, assim melhorando a qualidade de vida. A arteterapia mostra-se, de forma lúdica e facilitadora no manejo de conteúdos reprimidos, fazendo-os emergirem de forma natural.

O Presente trabalho dá maior visibilidade a arteterapia no âmbito acadêmico, conceituando de forma compreensiva o tema proposto. Outro sim, o presente trabalho busca ser fonte de conhecimento e poderá servir de aporte para futuras pesquisas haja vista, a importância dessa temática, que vem ganhando grandes proporções no meio acadêmico e a Gestalt-terapia com bases fenomenológicas existenciais faz uma conexão perfeita com a arteterapia dentro da Clínica dando ao terapeuta condições para usar a criatividade tanto dele próprio, quanto a do paciente para uma boa intervenção no processo terapêutico.

O presente artigo objetivou identificar a eficácia do uso da arteterapia em psicoterapia infantil com base na abordagem gestáltica e especificou o trabalho do Psicólogo Gestalt-terapeuta na Psicoterapia Infantil, buscou identificar tipos de arte que podem ser usadas como arteterapia no trabalho

do psicólogo. Verificou técnicas psicoterápicas com crianças em Gestalt-terapia. O presente trabalho objetivou a identificação da eficácia da Arteterapia em Psicoterapia Infantil na visão da Gestalt-terapia.

Por ser assim, este estudo pautou-se, portanto, por uma metodologia de pesquisa sob a linha bibliográfica, em caráter exploratório, de abordagem qualitativa, de campo e descritiva, hipotético-dedutiva e não experimental. Entendo que esta linha de pesquisa e abordagem seja a mais viável ao estudo por ora. Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo. Havendo ainda notoriamente várias vertentes e possibilidades a serem analisadas em estudos futuros, e, por conseguinte, mais aprofundados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma breve contextualização de psicoterapia infantil em Gestalt-terapia

Segundo Aguiar (2015), foi no século XX que se iniciaram os trabalhos psicoterapêuticos com crianças, mais precisamente com as contribuições da abordagem psicanalítica, vindo a se desenvolver ao longo dos últimos 50 anos no meio de outras abordagens, em particular na abordagem centrada na pessoa tendo como pedra angular, Carl Rogers e mais recente, na Gestalt-terapia. Pontua a autora, que para falar de Gestalt-terapia com crianças, é importante perceber a mesma num campo mais amplo da Psicoterapia Infantil, para diferencia das outras abordagens e assim explicar seu surgimento assimilando sua forma de trabalhar as questões de bases relativas à Psicoterapia com crianças incorporadas ao longo do último século pelas principais abordagens psicoterápicas existentes.

Conceitua-se Gestalt-terapia uma abordagem clínica com contextos específicos no que tange a prática e teoria, sendo Frederick Salomon Perls, mais conhecido como Fritz Perls, o seu criador, o pensamento de Perls não foi bem compreendido na época, mas mesmo que sua tese não tenha sido reconhecida pela comunidade psicanalítica, isso não intimidou Fritz Perls, pelo contrário serviu de incentivo para a criação de uma nova linha de psicoterapia. Perls ainda como psicanalista escreve Ego Fome e Agressão, apresentando nesta obra um direcionamento teórico e metodológico com fortes contrapontos das bases psicanalíticas (OLIVEIRA, 2011).

A Gestalt-terapia usa na sua abordagem do ser humano a metodologia fenomenológica que tem como característica o uso da linguagem descritiva e ao se fazer uma intervenção de forma descritiva com a criança, vai-se permitindo que a mesma possa ir gradativamente construindo o significado do conteúdo que ela traz para dentro do **setting** terapêutico, isso sem que haja interferências do terapeuta nesta construção, ou seja, o terapeuta não entra com seu ponto de vista nem teórico, nem de valores pessoais, conforme nos aponta (CIORNAI, 2004).

É importante, enfatizar aqui, as contribuições deste autor que preconiza que a teoria da Gestalt-terapia possui um cenário relacional do

desenvolvimento, diz ele que: nós seres humanos somos seres de contato, de relação, permutas e nos desenvolvemos a parti de junções e separações uns com os outros. É justamente no contato com outras pessoas que é possível nos atualizarmos ali que encontramos-nos com nossas competências e nossos limites, procurando satisfazeremos nossas necessidades, de acordo com a nossas inclinações de autorregulação orgânica (BARBOSA, 2011).

A natureza dessas relações e a forma como elas se dão é que nos apontarão a verdadeira dimensão da totalidade desse homem. Assim, ao conhecer o indivíduo, não nos interessamos em apenas listar suas várias características, mas principalmente em como elas se relacionam entre si e com os demais elementos do campo, tais como o grupo familiar e/ ou profissional e/ ou religioso e /ou social (AGUIAR, 2015).

A Gestalt-terapia não se preocupa só com as questões materiais, a autenticidade tangível em si. É uma abordagem que transita entre corporemente, mas na medida certa, nem tanto corpo, nem tanto mente. No entanto sugere que ao se fazer terapia se volte para a expansão da **awareness**, um ofício que objetiva uma conjunção mente e corpo, a restauração de uma perspectiva expressiva de gestos espontâneos, dentro de relações com o outro e com o mundo (ALVIN, 2011).

A abordagem gestáltica na Psicoterapia tem uma forma de acolher a criança da maneira como ela se apresenta, o terapeuta precisa estar consciente, que naquele momento está acontecendo um encontro entre pessoas distintas, que juntas vão trilhar um caminho por certo tempo, onde manterão um relacionamento dialógico e de interesse real, respeitando as singularidades. Sendo que a criança e o terapeuta vivem em mundos fenomenologicamente diferentes, é importante que o terapeuta se coloque diante da criança com inteira disponibilidade, para que se efetive esse encontro. E no **setting** esses fenômenos são evidenciados de forma como afloram, isso mediante uma relação fundamentada na confiança, para que assim o vínculo seja instituído (OLIVEIRA, 2010).

É oportuno mencionar a ideia de Antony (2010) que sobre terapia infantil, vem mostrar caminhos para obtenção de um bom resultado no processo terapêutico, a autora fala da importância do terapeuta estar por inteiro no processo. Estar aberto às subjetividades da criança, as diferenças e as peculiaridades entre ele e a criança, para que se estabeleça o contato entre eles. Se o terapeuta percebe que não é muito fácil para a criança estabelecer o contato, ele direciona a terapia de forma a facilitar o desenvolvimento do contato.

Assim para facilitar que o terapeuta esteja presente genuinamente dentro da terapia, ele precisa, não só ter uma escuta apurada, mas também: afinar o olhar psicoterápico, estar atento no como à criança se comunica, de forma não verbal, que se faz possível diante das atividades lúdicas, onde o terapeuta pode observar minuciosamente todos os detalhes, cada gesto, toda

e qualquer movimentação da criança no **setting**, o terapeuta não deve furtar-se do simbólico e imaginário da criança. Deve se envolver nas brincadeiras, pois o brincar é fundamental para que a criança comunique e simbolize seus conflitos (CASTRO, et al. 2009).

A criança precisa desenvolver a habilidade de entrar em contato com o outro e esse contato precisa ser sustentado e reafirmado. O olfato, tato, paladar, audição e visão são o que permite nossa interação no mundo e juntando a esses sentidos, a linguagem e o movimento corporal, temos maiores possibilidades de interação organismo/meio. É importante que o terapeuta propicie a criança suporte para que a mesma desenvolva seus sentidos de interação com o mundo e se estabeleça de forma satisfatória a modalidade de contato em cada sessão. O terapeuta que se faz presente com todos os seus sentidos dentro da sessão tem condições de obter melhor resultado na mesma (AGUIAR, 2015).

Antony (2010) preconiza que o que determina o conhecimento da criança de como se relaciona no mundo, oriunda dos tipos de relacionamentos que ela vivencia no mesmo, a forma que esses relacionamentos se apresentam diante dos primeiros contatos, no meio em que ela vive. A criança está sempre atenta ao que acontece ao seu redor, ou seja, ela não tem atenção desfocada, o que na maioria das vezes ocorre, é que as pessoas e o ambiente, ora se tornam interessantes ou não para essa criança, na medida em que ela vai efetivando essas relações.

É importante que o psicoterapeuta que atende criança, tenha clareza que essa prática difere da psicoterapia com adulto. E que o mesmo saiba que a criança se expressa mais com recursos não verbais, por tanto, é considerável que se esteja atento aos movimentos da criança e ter disponibilidade para acompanhá-la dentro dessa espontaneidade peculiar a ela, viabilizando recursos apropriados, com o intuito de facilitar essa movimentação de forma que seja estabelecida a dialógica, para facilitação do processo terapêutico (OLIVEIRA, 2018).

Alvin e Molas (2017) postulam, que para a Gestalt-terapia o universo da relação, dá bojo, condição e mobilidade ao fazer psicoterapêutico. Nessa conjuntura, a práxis da psicologia que aqui se relata, visa expandir a convergência com o sensitivo, a convivência com seu próprio eu, com contiguidade, com a vivência de encontra-se no mundo.

Diante disso ao atendermos uma criança em psicoterapia, é de suma importância que façamos uma recapitulação relacional dessa criança com o mundo desde sua concepção. Nas terapias familiares ou com quaisquer outras pessoas que tenham alguma importância na vida dessa criança. Isso com o intuito de averiguar possíveis intervalos, vácuos, falhas nessa relação, entendemos como sendo absolutamente importante, conhecer os pais ou responsáveis e suas formas de funcionamento. Esclarecer a opinião de que eles não são só simples provedores de informações sobre seus filhos e evidenciando-os, como parte das complicações existenciais da criança (AGUIAR 2015).

Para que o terapeuta tenha um resultado positivo dentro da terapia com criança é importante que ele faça o atendimento não só individual com a criança, mais também que faça sessões familiares, pois essas vão ser de grande importância para obtenção de dados em relação à família e da inter-relação da criança nesse meio. Do mesmo modo, é fundamental dar uma atenção bem especial aos pais e familiares, para que esses se sintam acolhidos e confiantes, visto que o conteúdo da sessão estará bem resguardado pelo terapeuta (OLIVEIRA, 2014).

Não dá para pensar em psicoterapia com criança, sem uma conexão com os pais ou responsáveis, é muito importante que o terapeuta perceba isso com clareza. Na sessão familiar, enquanto o terapeuta conversa com a família, a criança começa a perceber-se em um ambiente seguro e confortável, sentindo-se mais à vontade com a presença e com a voz do psicólogo. E quando este pede para que a família se retire do **setting**, a criança sente-se segura, menos ansiosa e mais tranquila para continuar a terapia (TAIBBI, 2009).

O terapeuta vai trabalhar com o que a criança traz para **setting** terapêutico. O conteúdo trazido pela criança faz parte de sua configuração e é ali, onde os sintomas também se apresentam. A autora fala que o processo terapêutico tem seu início exatamente com o material apresentado pela criança. O terapeuta começa a intervenção com a parte que lhe foi apresentada, mas no decorrer do processo a totalidade será reconfigurada (AGUIAR, 2015).

Segundo esses autores, é importante que o terapeuta tenha uma visão ampla e sistêmica ao se trabalhar com crianças. E também dizem que são os comportamentos que dão origem as queixas apresentadas, ainda que causem dores e sofrimentos para família e/ou criança, nada mais são que, tentativas de autorregulação. Por isso é importante que o terapeuta esteja atento no como a criança manifesta o seu sentido de interação no **setting** e no seu campo vivencial. Portanto o terapeuta de criança, dever ter como foco, a forma como a criança atribui significado ao seu mundo. Deve estimar tanto a criatividade, quanto a imaginação e a espontaneidade da criança, pois isso norteará o processo terapêutico. Ressalta ainda, a importância que tem, do terapeuta se ater no **setting** com aquilo que a criança apresenta e não se apoiar só, em ideias pré-estabelecidas, por que mesmo sendo importante a contribuição de todos os envolvidos no campo dessa criança, o mais relevante e fundamental é o que a própria criança traz (CAMPOS; TOLEDO; FARIA 2011).

Aguiar (2015) preconiza que em Gestalt-terapia a relação é a essência da edificação e da capacidade de reelaboração do indivíduo. Por tanto, pensar na potencialidade de transformação da relação, nos mostra que um indivíduo nunca está de todo pronto, nos leva a invariável crença de que há possibilidade de reconfiguração, por mais triste que possa ser o histórico de vida de uma criança e por mais infortunado que seja seus dias atuais, assim evitando que o terapeuta se arrisque em prognósticos precoces.

Assim, quando o terapeuta passa a acreditar na capacidade que a criança tem de transformar seu meio, aparece outra oportunidade de entender os sintomas que se mostram, não de modos imperfeitos, mas como sendo uma maneira criativa de se proceder no meio, diante das adversidades e ser capaz de transformar esse meio para um contexto mais aceitável para ela. Na Gestalt-terapia o que emerge de sintomas, por mais difícil que parece, sempre denotam uma forma de tentar se harmonizar. Em último caso uma tentativa de preservação (AGUIAR, 2015).

Arteterapia com criança

Tanto os Gestalt-terapeutas quanto os arte-terapeutas, que trabalham com a abordagem gestáltica, estão sempre em busca de aperfeiçoar a sua própria percepção, bem como a percepção de seus clientes, auxiliando-os não só a entrar em contato com as emoções e sensações, mas também como usá-las como dados sobre si, para que esse processo leve a *insights* considerados (CIORNAI, 2004).

Arteterapia através de suas diversas formas de expressão pode auxiliar na percepção dos conteúdos que estão no interior de cada um. E esse ato de conduzir o fazer arte, facilita também para o terapeuta fazer o contato com seu cliente. Fazendo arte o cliente encontra-se com o autoconhecimento, que o possibilitará uma retomada de consciência, reorganizando-se nos seus relacionamentos e na resolução de problemas e conflitos pessoais. A arteterapia possibilita ainda um bom desenvolvimento da personalidade do cliente (ANDRADE, 2000 apud REIS, 2014).

Uma vez que o artista faz um trabalho no campo experiencial, ainda assim, o ato artístico é um trabalho intrínseco. Mas aparenta a existência de uma convergência, entre o dentro e o fora à medida que a percepção e raciocínio se convertem em aparência clara, idealizada no material. Com isso alguma coisa, igualmente se concretiza no interior do próprio artista. É um exercício de reprodução: localizam-se os elementos em conflitos, unem-se os, e estrutura-os. Conduzir-se com criatividade é nada mais que ter assimilação das intuições e sentimentos do ato natural (MULHOLLAND, 2003).

Por mais que falemos que a criatividade implanta uma inovação, percebemos que essa inovação se mostra internamente ligada com a historicidade do indivíduo. Uma vez que essa afirmação parte da significação de que a criação está ligada a seu criador, e o mesmo está subordinado a seu eixo, as suas bases, e também as suas necessidades vigentes. Então se pode dizer, que até mesmo a novidade, já tem conexão com as vivências anteriores. Isso mostra uma estrutura do objeto e sujeito. (SILVA; CARVALHO; LIMA, 2013).

Ciornai (2004) versa sobre a importância do fazer artístico, os resgates históricos e emocionais que podem ser reconfigurados no processo terapêutico. A criação artística como uma intuição, um caminhar entre dimensões racionais e emocionais, com fluidez e leveza, de tal modo que uma não aniquila a outra. E nesse caminhar por entre essas dimensões,

percebe-se que cada uma delas se apresenta quando necessário, no momento certo, contribuindo assim no processo terapêutico. Ainda segundo a autora, ao se fazer arte, é possível exercitar o sentimento de liberdade. No **setting** terapêutico o cliente não se prende nem ao tempo, nem a regras ou normas, ele é mesmo liberto para criar na medida de seus sentimentos e de suas emoções com o conteúdo que traz internamente. Ali no momento artístico não se tem medo de consequências, não existe certo nem errado, nem feio ou bonito. E nesse fazer artístico livre e desprezioso, o cliente vai se conhecendo melhor e olhando para dentro de si, vai desenvolvendo seu processo mental. E no ato de gerar essa forma criativa, ele vai experimentar autoconfiança e bem-estar.

Rhyne (2000) postula que o ser humano é um ser criativo que no cotidiano da vida, vive fazendo coisas de onde demanda muita criatividade e energia e que só dentro da vivência de cada um, na emoção e na racionalidade, é que se dá conta das verdadeiras necessidades e que na historicidade, estão contidos os conteúdos a serem trabalhados. E assim como os nossos ancestrais primitivos, continuamos a usar nossa criatividade para suprimos nossas necessidades básicas pra sobrevivermos, assim gastamos energia e tempo, com nossas experiências e com o que vemos como necessário para a nossa vida. E esse movimento que fazemos na vida, já vem de herança de nossos ancestrais primitivos, que na luta pela sobrevivência no planeta, faziam coisas de forma criativa, ainda que rudimentar.

Nesse mesmo pensamento de ser criativo, de reconhecer as próprias necessidades na racionalidade e na emoção, é que se percebe também que a arteterapia propicia esse encontro do cliente com a sua ancestralidade e com sigo mesmo. E equiparando a arte com a terapia, vê-se manifestada a capacidade do ser humano de perceber, configurar e reconfigurar seus contatos relacionais, no mundo. E quando no **setting** terapêutico o cliente sai do modo automático do cotidiano e entra num processo de criação, ele vai de encontro com sigo mesmo e se percebe, artista de sua própria existência (CIORNAI, 2004).

Desse modo neste entendimento, percebe-se aqui a arteterapia com seu potencial terapêutico, a arte como um catalizador de conteúdos para serem revisitados e reconfigurados. E vindo pelo prisma da Psicoterapia Infantil é importante saber que é fundamental a presença de espírito do terapeuta, ou seja, o **feeling**, considerando que o cliente, mesmo sendo criança, é também um ser subjetivo, que traz dentro de si suas próprias questões a serem trabalhadas. E na Gestalt-terapia é bem relevante esse encontro do terapeuta com essa criança, no mundo dela, o terapeuta deve envolver-se no brincar com a criança dentro das suas brincadeiras, buscando conhecer na visão de mundo dessa criança, quais são seus interesses, para uma melhor condução dentro do processo terapêutico (AGUIAR, 2015).

No **setting** terapêutico é importante que o material lúdico seja disponibilizado de forma a facilitar o interesse da criança, em caixas e armários de portas abertas de maneira a ficarem bem acessíveis às faixas

etárias e sexo das crianças. E neste contexto os materiais usados, podem ser: tinta, pincel, papel, massa de modelar, cola, tecido, argila, sucata, lápis de cor, giz de cera, lápis preto, borracha, palitos água, areia, quadro negro e outros brinquedos (CUNHA, 2000).

Oaklander (1980) Traz em seu raciocínio que a brincadeira das crianças no **setting** terapêutico pode ser aproveitada para outros fins, além da terapia. As crianças se divertem brincando e nessa brincadeira divertida e descontraída elas criam a afinidade necessária para o vínculo terapêutico assim o pavor e estranheza que a criança tem natural do desconhecido é na maioria das vezes energicamente reduzido, quando ela se depara com a sala cheia de brinquedos interessantes.

METODOLOGIA

Para se atingir aos objetivos deste estudo foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica básica, uma vez que não teve por finalidade a resolução imediata de um problema. A vantagem em adotar esta modalidade de pesquisa consiste na possibilidade de uma maior cobertura espacial do fenômeno a ser investigado (GIL, 2008). Preliminarmente, para compor o Referencial Teórico foi realizada uma ampla pesquisa em títulos de referência em livros de acervo pessoal, e em Revistas IGT na Rede e na Biblioteca virtual da faculdade Catedral, a cerca do tema “Intervenção Com Arteterapia: A Clínica Infantil Na Abordagem Gestáltica”. As palavras-chave desta pesquisa: Arteterapia; Psicoterapia Infantil; Gestalt-terapia, servirão como critério de inclusão, contemplou os artigos científicos correlatados à problemática da Pesquisa pautou-se em: Como a Intervenção com Arteterapia pode contribuir para Psicoterapia com Crianças na Abordagem Gestalt-Terapia?

O método de coleta de dados foi o de levantamento direto no acervo pessoal e sites acima especificados. A natureza da pesquisa é qualitativa. O método de abordagem utilizado foi o dedutivo, pois a proposta do estudo concerne melhor clarear o fenômeno de forma a partir do geral para o específico (LAKATOS; MARCONI, 2003). Os métodos de procedimentos adotados para o tratamento dos dados coletados foram: históricos e qualitativos.

Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo. Havendo ainda notoriamente várias vertentes e possibilidades a serem analisadas em estudos futuros, e, por conseguinte, mais aprofundados.

Toda orientação foi de extrema importância, que possibilitou a estruturação da pesquisa, na elaboração do TCC pelas orientações fornecidas pelo manual de orientações, como afirmou o professor Dr. Rômulo Terminelis da Silva (2022, p.04) na explicação do passo a passo de construção do TCC:

A linguagem será gramaticalmente correta, precisa, coesa, coerente e, preferencialmente, em terceira pessoa ou utilizando a impessoalização textual. Devem ser evitados adjetivos supérfluos, repetições redundantes, explicações desnecessárias, rodeios sem atingir o objetivo. Ao escrever, não se deve ficar determinado em demonstrar erudição e cultura gramatical ou discursiva e, sim, chegar-se a uma comunicação cujas ideias estejam claras ao leitor.

Ainda conforme o professor a reponsabilidade de formatação gráfica nas normas da ABNT é de inteira reponsabilidade do acadêmico (aula de orientação ao TC II polo do Cantá 31 de Janeiro de 2022).

A análise e discussões dos resultados segue as orientações do Manual de normas para elaboração de trabalhos (2013, p.82):

Após a análise e discussões dos resultados, são apresentadas as conclusões e as descobertas, evidenciando com clareza e objetividade as deduções extraídas dos resultados obtidos ou apontadas ao longo da discussão do assunto. Neste momento são relacionadas às diversas ideias desenvolvidas ao longo do trabalho, num processo de síntese dos principais resultados, com os comentários do autor e as contribuições trazidas pela pesquisa.

Cabe, ainda, lembrar que a conclusão é um fechamento do trabalho estudado, respondendo às hipóteses enunciadas e aos objetivos do estudo, apresentados na Introdução, onde não se permite que nesta seção sejam incluídos dados novos, que já não tenham sido apresentados anteriormente

Tal investigação foi bem satisfatória como também a aplicação dos objetivos específicos proposto que foram desenvolvidos na pesquisa

DISCUSSÃO

Aguiar (2015) e Antony (2010) corroboram no entendimento, de quê, para que se tenha sucesso no processo terapêutico com criança, o terapeuta precisa oportunizar o estabelecimento do contato e mantê-lo em cada sessão. E que é com o sentido de interação bem fortalecida que a criança irá estabelecer de forma satisfatória a modalidade do contato. Essas autoras também têm o mesmo pensamento que pra que haja um resultado satisfatório na terapia, vai depender ainda, que o terapeuta esteja inteiramente dentro desse processo, presente no **setting** de forma genuína, com escuta apurada e um olhar minucioso no campo relacional dessa criança.

Aguiar (2015) enfatiza que é mediante as funções de contato que conseguimos organizar nossa percepção e nossos sentimentos, assim

encontramos um novo significado. Em um desenvolvimento saudável as funções de contato, funcionarão com harmonia em todas as ocasiões de permuta, e quando elas se mostram desbloqueadas e desenvolvidas esta criança experimenta uma forma de contato plena com mundo.

Alvin (2011) vem dizer que Gestalt-terapia é uma abordagem que transita entre corpo-mente na medida certa. No entanto sugere que, ao se fazer terapia, se volte para expansão da **awereness**, um ofício que objetiva uma conjunção mente-corpo, a restauração de uma perspectiva expressiva de gestos espontâneos, dentro de relações com o outro e com o mundo.

E dentro deste contexto de Psicoterapia Infantil na abordagem gestáltica, Oliveira (2011), Barbosa (2011) e Oliveira (2010) trazem o mesmo conceito, que o cerne dessa modalidade de contato está intrínseco no cenário relacional do desenvolvimento.

Do mesmo modo que esses escritores preconizam que o contato e o campo relacional dessa criança são fundamentais para a terapia, Castro et al. (2009) reafirmam a importância que tem do terapeuta estar inteiro dentro do processo no **setting**, com uma escuta apurada para perceber essa criança no seu campo relacional.

Taibbi (2009) comunga do mesmo pensamento, quando afirmam que o terapeuta de criança, deve abrir a porta de seu consultório e estar solícito não a penas para as crianças em consultas individuais, mas devem sim, estarem dispostos a receberem os pais em sessões familiares, pois essas sessões serão de grande importância para obtenção de dados do como a acriança se relaciona com a família e todos que fazem parte desse meio. Pois na verdade não dá para pensar em psicoterapia com crianças, sem trazer os pais ou responsáveis, para esse contexto, sendo muito importante que se perceba isso com clareza.

Oliveira (2018) pontua sobre a importância de o terapeuta ter uma visão ampla e sistêmica ao trabalhar com crianças, pois segundo esse autor os comportamentos que dão origem as queixas apresentadas, ainda que causem dores para família e/ou criança, nada mais são, do que tentativas de autorregulação. Por isso é importante que o terapeuta esteja atento, no como a criança a criança manifesta o seu sentido de interação no **setting** e no seu campo vivencial. E é muito importante estimar tanto a criatividade, quanto a imaginação e a espontaneidade da criança, pois isso norteará o processo terapêutico.

E para facilitar este processo de entrar em contato, tanto Ciornai (2004) quanto Andrade (2000) apud Reis (2014), aponta que na abordagem da Gestalt-terapia, os Gestalt-terapeutas e os arteterapeutas estão sempre trabalhando para aperfeiçoarem não só a percepção deles mesmos quanto à percepção de seus clientes, aprimorar a **awareness**. E com a arteterapia esse movimento se torna mais fácil e através de uma percepção aguçada se torna viável para o cliente entrar em contato com suas emoções e sensações. A arteterapia segundo esses autores possibilita uma retomada de consciência, para uma reorganização dentro de seus relacionamentos e uma melhor resolução de seus problemas.

Mulholland (2003) contribui para esse raciocínio indicando que, quando um artista faz um trabalho, esse ainda que intrínseco, apresenta a convergência entre o dentro e fora, ou seja, o íntimo do artista e o meio, à medida que a percepção e raciocínio se convertem em aparência clara, idealizada na obra de arte. Ciornai (2004) discorre que quando o cliente vem pra terapia e entra em contato com arte, ele resgata com mais facilidade, o seu histórico emocional, conseguindo configurá-lo dentro do processo terapêutico.

Com base nesses autores percebe-se aqui a arte com seu potencial terapêutico e dentro da psicoterapia infantil a arte como uma importante ferramenta pra aperfeiçoar esse processo. Assim como é também de suma importância a presença de espírito do terapeuta, ou seja, o **feeling**, considerando, que para que haja um bom envolvimento da criança, o terapeuta deve se envolver no brincar da criança dentro do **setting** e buscar conhecer a visão de mundo dessa criança.

Rhynne (2000) esclarece ainda que ao usar materiais artísticos a criança pode se envolver no que está fazendo, pois todo o seu corpo expressará concentração descontraída, brincando de forma saudável, não havendo separação entre trabalho e diversão ou entre seriedade e alegria. O terapeuta observando os movimentos e o rosto da criança vê-se ali expressão de prazer, surpresa, raiva, tristeza, felicidade que aparecem e desaparecem deste semblante sem que haja um esforço consciente da mesma. Ryne relata a existência de inúmeras técnicas específicas para contribuir para que a criança exprima sentimentos através do desenho e da pintura.

Segundo Aguiar (2015) e Cunha (2000), a exemplo de Ciornai (2004), é importante que o material lúdico seja disponibilizado ao alcance da criança para facilitar o manuseio e as brincadeiras. Neste sentido, Oklander (1980) ressalta que além das crianças se divertirem com as brincadeiras, elas vão se descontraíndo e criando afinidades necessárias para estabelecer o vínculo terapêutico, e assim o pavor e a estranheza que a criança tem naturalmente do desconhecido é reduzido de forma considerável. Alvim e Molas (2017) trazem que, dentro da Gestalt-terapia é o universo das relações, que vai dar sustentação ao fazer psicológico, o terapeuta deve estar disposto a conhecer os mínimos detalhes o campo relacional dessa criança. Com isso pensa-se aqui na Gestalt-terapia como a psicologia que visa expansão da convergência do sensitivo, conviver com seu próprio eu com proximidade com a vivência de estar no mundo.

Diante desta visão de proximidade e convivência, Aguiar (2015) contribui dizendo que é de fundamental importância que se faça uma recapitulação dessa criança no mundo no seu modo de existir, desde o sua concepção, nos encontro com seus familiares ou com quais quer pessoas que tenha alguma importância na vida dessa criança, isso para verificar possíveis intervalos, espaços, falhas nessa relação, entendendo, como sendo de absoluta importância conhecer os pais ou responsáveis e suas formas de funcionamento. E quebrar o paradigma de que eles possam ser

simples provedores de informações sobre seus filhos, mais sim os vendo como parte das complicações existências da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi intitulado. Intervenção com Arteterapia: A Clínica Infantil na Abordagem Gestáltica, uma revisão de bibliografias existentes e teve como objetivo averiguar, de que forma a arteterapia pode auxiliar o trabalho do psicólogo, na Psicoterapia infantil dentro da abordagem gestáltica. Os relatos verificados no decorrer desta pesquisa, possibilitou uma clara percepção sobre esta temática, enfatizando-se a importância da arte dentro do trabalho psicoterápico com criança, uma vez que os autores apontam que a maioria das crianças encontram mais facilidades de estabelecer o contato de forma não verbal e nesse caso o manuseio dos materiais artísticos, facilitam extraordinariamente o estabelecimento do contato.

Assim apresenta-se aqui uma necessidade de expandir mais, os estudos sobre esse assunto. Alargar mais as portas dos consultórios, sair um pouco das formalidades convencionais, transformar os mesmos em ateliês terapêuticos de inúmeras possibilidades de manejo, para uma melhor reconfiguração de conteúdos reprimidos. Que esse lugar possa ser um lugar de criatividade e experimentação, de forma a facilitar a **awareness** na presença aqui agora.

Cabe, para tanto, destacar que este estudo foi sim consideravelmente proveitoso e enriquecedor no âmbito acadêmico e que os objetivos específicos foram alcançados em identificar a eficácia do uso da arteterapia em psicoterapia infantil com base na abordagem gestáltica e especificou o trabalho do Psicólogo Gestalt-terapeuta na Psicoterapia Infantil; buscou identificar tipos de arte que podem ser usadas como arteterapia no trabalho do psicólogo e Verificar técnicas psicoterápicas com crianças em Gestalt-terapia, e a hipótese confirmada e analisada na prática de pesquisa sobre: H1- Com as orientações técnicas e metodológicas sobre a **Intervenção com Arteterapia**, é possível **contribuir para Psicoterapia com Crianças na Abordagem Gestalt-Terapia** no trabalho do psicólogo.

Finalmente, recomenda-se aos Profissionais da Psicologia e outros que dentro da abordagem da Gestalt-terapia o psicólogo vai trabalhar na perspectiva existencial-fenomenológica, com foco nas relações sujeito/objeto e sujeito/meio. E a Arteterapia da Clínica Infantil se mostra com grande eficácia de forma lúdica e criativa, facilitando o processo terapêutico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. 3. Ed. Summus Editorial: São Paulo, 2015.

ALVIM, M. B. O lugar do corpo em Gestalt-terapia: **diálogo com Merleau-Ponty**. Revista IGT na Rede, v. 8, n. 15, p. 227-237, 2011.

ALVIM, M. B.; MOLAS, A. A potência política do corpo expressão e transformação: **arte e clínica com crianças e jovem na Mangueira**. Editora CRV: Curitiba, 2017.

ANTONY, S. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. Summus Editorial: São Paulo, 2010.

Andrade, apud REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2000, 2014.

BARBOSA, P. A criança sob o olhar da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v.8, n. 14, p. 2-22, 20011.

CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia Summus Editoria: São Paulo 2004.

CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia e educação, arteterapia e saúde. Summus Editorial: São Paulo, 2004.

CASTRO. M. K. et. al . **Psicoterapia da Infância e da Adolescência**. Artmed Editora: São Paulo, 2009.

CUNHA. J. A. **Psicodiagnóstico-V**. Artmed Editora: Porto Alegre, 2000.

CAMPOS, G. B; TOLEDO, B. T; FARIA J. N. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. Revista da abordagem gestáltica: phenomenological studies. **Revista IGT na Rede**, v. 17, n.1, janeiro/junho Goiânia 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MULHOLLAND, S. R. **Os recursos da arteterapia na abordagem gestáltica com criança**. UNICEUB, Brasília, 2003

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. Summus Editorial: São Paulo, 2000.

SILVA, C. M; CARVALHO, M. E; LIMA, D. R. Arteterapia gestáltica e suas relações com o processo criativo. **Revista IGT na Rede**, v. 10, n. 18, Rio de Janeiro 2013.

OAKLANDER, V. **Descobrimdo crianças:** a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. Editora Summus: São Paulo, 1980.

OLIVEIRA, A. F. Qual é a especificidade da clínica em Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v.8, n. 15, p. 279—293, 2011.

OLIVEIRA, D.C.A. Recriando histórias: o desabrochar da capacidade criativa em crianças a partir da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 7, n. 13, p. 354-367, 2010.

OLIVEIRA, E. D. F. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 11, n. 20, p. 105-119, 2014.

OLIVEIRA, W.L.G. **Experiment (Ação), Cri(Atividade) e Prática Clínica com Crianças em Gestalt-terapia.** Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2018.

TAIBBI, R. **Fazendo terapia família:** habilidade e criatividade na prática clínica. 2. Ed. Editora Roca: São Paulo, 2009.

SILVA. Dr. Rômulo Terminelis da. **Passo a Passo de Construção do TCC.2022.** 45 f. aula realizada dia 31/01/2022 polo do Cantá UAB/IFRR/UNIVIRR.